Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

História e Memória da Escola na Cidade de Santos (1930-2006)

Maria Helena Bittencourt Granjo

Resumo: O estudo liga-se à pesquisa desenvolvida desde 1998, cujo objetivo é compreender as relações entre escola e vida urbana. As entrevistas se constituíram na principal fonte do trabalho. Foram ouvidas três mulheres, habitantes do Monte Serrat ligadas por laços de parentesco. Mostrou-se fecundo o esforço para perceber-se a visão que as gerações mais velhas têm da escola atual, em virtude do acompanhamento que fizeram do caminho percorrido pelos seus filhos e netos.

Palavras-chave: História – Escola – Vida Urbana.

Abstract: The study is linked to the developed research since 1998, whose objective is to understand the relationship between School and Urban Life. The interviews will be based on the main source of the job. Three women were listed far from Mont Serrat linked by family origins. It was valid the effort to notice the vision that older generations have of the actual School, due to the follow up was done along the way already traced by its sons and grandsons.

Keywords: History – School – Urban Life.

O estudo liga-se à pesquisa desenvolvida desde 1998, ligada ao projeto Escola e Vida Urbana que se inspira nos historiadores ligados à história sócio-cultural como: Thompson, Williams e Ginsburg. Visou perceber as relações da comunidade com a escola, do ponto de vista de três gerações de moradores da cidade de Santos. Foram ouvidos ex-alunos de escolas da região, cujos pais e avós quisessem compartilhar conosco sua experiência. As entrevistas se constituíram na principal fonte deste trabalho.

O foco escolhido foi a região central de Santos, onde nasceu a cidade, que hoje abriga o chamado *centro velho*. Essa região outrora habitada pela elite santista, onde se concentrava um próspero comércio, encontra-se hoje degradada e de certo modo, abandonada. Alguns dos antigos casarões foram transformados em cortiços e outros tiveram seus interiores arrancados para servirem como garagens. Pelas ruas perambulam mendigos, moradores de rua, prostitutas e catadores de papel. Guarda, entretanto, a história da cidade e abriga muitos de seus mais importantes monumentos: o fórum, a catedral, a prefeitura, os teatros, os conventos e dois grandes prédios que atestam a importância dada pelo Estado à educação no início do século.

Esta última funciona desde 1902 em prédio construído no início do século especialmente para abrigá-la. Recebeu seu nome por ter sido edificado com dinheiro da herança do comendador XX: a escola Cesário Bastos e a escola Barnabé.

Barnabé Francisco Vaz de Carvalhaes, comerciante que ao morrer, determinou que parte de seus bens fosse utilizada na construção de uma escola pública. Em terreno doado pela Câmara Municipal em 1895, o Governo do Estado de São Paulo ocupou-se da construção do prédio.

O Barnabé serve ainda hoje à população da região e de um pequeno bairro que literalmente se ergue ao lado da escola: o do Monte Serrat. Trata-se de um dos morros mais altos de Santos, alcança 147 metros de altitude acima do nível médio do mar e tem uma área de 380.223 m². O monte pertence à Prefeitura da Cidade de Santos, aos Serviços de Eletricidade e Gás e ao Mosteiro de São Bento. Para chegar-se ao topo do Monte existem duas opções: pode-se subir uma escadaria de 415 degraus, construída ao longo do antigo caminho de pedras, ou tomar o bondinho com sistema funicular, inaugurado em 1927.

A escadaria para o Monte inicia-se logo atrás do muro dos fundos da Escola Barnabé, ao lado da Fonte do Itororó, em torno da qual desde 1532 se estabeleceram as roças dos primeiros habitantes da cidade. Hoje da bica já não jorra a água que foi poluída. Entretanto, ela marca o início da subida ao Monte. Acompanhando os degraus, foram construídos 14 nichos que representam as estações da Via Sacra e servem de referência aos moradores.

Para subir o morro, o visitante pode optar pela escadaria ou pelo bondinho, que o levará até o interior do prédio do antigo cassino, de cujo mirante é possível ter-se uma vista panorâmica de 360º. O prédio guarda amplos salões que até a proibição do jogo em 1946, eram palco também de representações e de danças. Os habitantes do morro, entretanto, não participavam dessas atividades. Até o acesso ao bondinho lhes era negado.

Uma das atrações do Monte é a capela Nossa Senhora de Serrat construída entre os anos de 1598 e 1609, por ordem do governador-geral Francisco de Souza e depois entregue aos monges beneditinos.

Hoje o Monte tem aproximadamente 1600 habitantes, na maioria nordestinos que ocupam por volta de 350 casas e alguns barracos. Na década de 1920 havia no Monte Serrat apenas 15 famílias de portugueses e espanhóis. Nos anos 50 começaram a chegar os nordestinos: cearenses, pernambucanos e alagoanos.

Quando D. Irani Abud, diretora da Escola Barnabé há 22 anos, foi informada da intenção de se pesquisar a memória da escola entre os habitantes do centro da cidade,

recomendou que as entrevistas começassem pelos moradores do Monte Serrat. Aí se encontra população permanente da região, afirmou.

A primeira pessoa a ser contatada foi Tica, senhora de 53 anos, que tira seu sustento da venda de doces e salgados. A entrevista foi agendada e o encontro combinado: a subida deveria ser feita pelo bondinho das 15h e o encontro no café da estação, no alto do morro. Depois de uma inútil espera, foi esclarecido que o compromisso havia sido esquecido. Felizmente por telefone, D. Mercedes, mãe de Tica, se prontificou a dar a 1ª entrevista e informou o caminho para sua casa, localizada na rua que começa atrás da capela. Para lá ir se tem acesso por um longo corredor descoberto que se inicia na rua. Senhora de 80 anos, de pouca altura e poucas rugas no rosto corado, esperava à porta, amparada em um cabo de vassoura que fazia às vezes de bengala. Ao entrar foi se queixando dos joelhos e da fraqueza das pernas que lhe dá medo de cair. A casa era aquela que os santistas chamam de chalé, uma construção de madeira na qual se entra por um pequeno terraço e se compõe de sala cozinha e dois quartos, com banheiro na parte de fora. Dois sofás pequenos, uma mesinha que suportava um aparelho de som com dois alto-falantes, um armário de louças e uma televisão de 29 polegadas compunham o mobiliário da sala. Há também fogão a gás, geladeira e computador.

Nessa casa vivem 4 mulheres: D. Mercedes e sua filha Tica com suas duas filhas.

Com Tica só foi possível conversar três semanas depois em nosso retorno ao monte.

Como havia o propósito em seguida de obter-se entrevistas com as filhas de Tica, que trabalham o dia todo, foi aventada a possibilidade de que os encontros se realizassem no sábado ou domingo, como fosse mais conveniente. Passaram-se semanas sem que a isso se dispusessem. Depois de muita espera apenas a mais velha concedeu uma entrevista de 40 minutos, por telefone.

Com as primeiras perguntas visou-se conhecer a vida no morro.

A primeira entrevistada, D. Mercedes, nasceu no monte Serrat em 1927. Do seu tempo de criança não se lembra do bondinho, recorda-se de um caminho, todo de pedras, que percorria diariamente para levar marmita para o pai, lá no Itotoró. Antigamente, diz D. Mercedes, havia pouca gente no morro, eram quase todos portugueses, existia uma casa aqui, outra acolá. Hoje sobraram uns três ou quatro portugueses, há ainda filhos e netos deles. D. Mercedes afirma que vive no morro porque gosta, se tivesse que viver na cidade morreria.

Um pouco diferente é a opinião da filha, Tica, hoje com 53 anos, que na infância, amou o morro.

> *Minha infância foi boa, muito boa! Ah! Que tempo bom! Meu Deus, foi boa, muito boa. A gente brincava de tanta coisa! Amarelinha, que hoje não se brinca mais. Brincávamos de roda, roubávamos arroz e feijão da mãe e cozinhávamos em uma fogueirinha, era muito bom, uma delícia. Era um tempo muito bom.Eu andava pelo morro sozinha, subia e descia, vivia trepada nas árvores. Tinha muitos amigos, eram quase todos da família, todos da mesma idade.*

Hoje, Tica gostaria de deixar o morro e explica: a vida é muito sacrificada. Quem quer sair à noite, tem que na volta subir o morro a pé, uma vez que a última viagem do bondinho é às 20h. Os habitantes do morro, atualmente, podem utilizar-se dessa condução pagando o mesmo que por uma passagem de ônibus urbano, enquanto que os turistas pagam 14 reais. Ainda que por preço especial (48 reais) o bonde suba a qualquer hora, a quantia é alta demais. Para ir ao supermercado é um sacrifício: sobe-se escada, desce-se escada, carregam-se as compras até a casa. Nos dias de tempestade, tem mais raio, mais barulho, é um terror, pensa ela e completa: "se eu pudesse, amanhã já estava morando lá em baixo".

Mercedes tem saudades dos velhos tempos e sente alguma dificuldade para se entender com os novos moradores do lugar:

> *Agora há mais brasileiros aqui, só um casal de portugueses chegou. A maioria vem do norte. Eles que me desculpem, não sei de onde eles vêm, mas eles não têm educação. Eles são demais, não são? Até as crianças, se a gente vai falar com elas, põem o peitinho para frente, não respeitam.*

Ao se manifestar em relação às mudanças no morro assim se expressa Tica: realmente a população aumentou muito, do lado oposto ao de sua casa, que corresponde à escadaria, formaram-se becos que se encheram de casinhas grudadas umas às outras. De cem pessoas que habitam essas casas oitenta são do nordeste. Esse pessoal invadiu os terrenos da prefeitura, não sabe se legalizaram a invasão ou se pagam impostos. Afirma que moram em casas grudadinhas, mas, são gente trabalhadora, muito cedo um número enorme de mães já está com os filhos a caminho das creches e seguem depois para o trabalho.

Do apuramos pelos depoimentos pode-se concluir que os habitantes atuais do morro são considerados pelos antigos moradores gente diferente deles, de educação inferior, portadores de costumes estranhos e mesmo condenáveis. Porém, não são propositalmente hostilizados, porém com eles não têm proximidade.

Quanto aos estudos soube-se que D. Mercedes não foi à escola, é analfabeta. Ela explicou o porquê:

> *Trabalhei a vida toda, desde os oito anos. Fui para São Paulo tomar conta de um bebê no carrinho. Depois vim para Santos e trabalhei em casa de família até 19 anos, quando me casei. Eu precisava trabalhar porque os filhos de minha mãe, aquela miudagem, estavam sempre doentes, dava muita maleita, eles ficavam pra morrer. Eu ganhava duzentos mil reis e colocava tudo na mão de minha mãe. Minha mãe ainda costurava para fora, fazia calças de homem, se matava, a coitada.*

A entrevistada referia-se aos dez filhos do segundo casamento da mãe, que ajudou a sustentar.

D. Mercedes não se lembra de brincadeiras no seu tempo de criança: não tinha brincadeiras, não tinha passeios, não tinha nada. Quanto à falta que a escola lhe teria feito, responde que não houve, ela casou-se, teve 4 filhos, criou todos. Depois de refletir, confessa que hoje quando vê certas coisas se arrepende. Encontra bilhetes pela casa e não sabe o que significam, acaba guardando tudo. Outras vezes, atende ao telefone e pedem a ela que marque um número. Isso ela faz, ainda que se riam dela depois. Ela diz que às vezes troca de lado as bolinhas do 9 e do 6, mas o laçinho, em baixo de 2, sabe fazer com perfeição. Não aprendeu a escrever, mas aprendeu a bordar com a sogra, portuguesa, que ia a São Paulo e trazia jogos de cama que deveriam ser bordados. Assim ganhava um dinheirinho. D. Mercedes continua: "Trabalhei bastante, não trabalhei? Mas tive uma vida boa, feliz. Na vida, como no casamento, é preciso saber levar: há espinhos, mas também há rosas. Hoje eu tenho 11 netos e dois bisnetos".

Aparentemente D Mercedes apenas sentiu falta de letramento quando sua família se tornou letrada e ganhou uma nova forma de comunicação da qual ela fica por fora. Não pode saber o que está nos bilhetes, tem dificuldades para anotar um recado. Achou importante que os filhos estudassem, eles fizeram pelo menos até o 4º ano e afirma que não lhe deram trabalho para terminar o curso. Um deles ainda fez o curso de eletricista no SENAI. Nunca recebeu reclamação da escola.

Tica, a caçula, estudou no colégio Barnabé até a 4ª série. Diz que naquele tempo era assim, somente quem quisesse fazia a 5ª série e ela não quis. Optou por não fazer. E comenta a respeito de suas aventuras e desventuras escolares:

> *Não era chegada nos estudos, não era chegada, era preguiçosa para estudar. Não era contra a escola, tanto que até hoje ajudo nas festas. Meus filhos estudaram lá, meu pai estudou lá. Até hoje sei tabuada muito melhor que a criançada. Mas não gostava, não gostava. Acho que era assim: a gente brincava muito, então tinha que parar de brincar para ir à escola! Entendeu? Aquilo era ruim para mim, se tornava um negócio chato! Chegava na hora da escola e eu andava pelos matos, trepada nas árvores. Então eu tinha que deixar aquilo de que gostava, para ir à escola e ficar ouvindo a professora falar, falar...*

O fato de "não ser chegada" fez com que usasse inúmeros subterfúgios para evitar aquilo que avaliava como "grandes sacrifícios". Quando trazia notas baixas pedia ao irmão que falsificasse a assinatura do pai o que ele fazia com perfeição, por meses seguidos, o pai

nunca "se tocou" que o boletim vinha todos os meses. Repetiu o 2º ano porque uma prima não quis passar cola para ela. Comenta ainda hoje: "Que raiva!".

Tica afirmou não haver se arrependido de não estudar mais. Talvez, diz, por não ter precisado. Com treze anos, mal saída da 4ª série tomava, sozinha, conta de uma lojinha na rua Brás Cubas, abria, fechava a loja. Trabalhou como balconista e depois de casar como diarista. Aos 22 anos arrumou o emprego de mãe no qual está até agora. Separada e depois viúva, criou as filhas com seu trabalho. Conclui dizendo que naquele tempo era diferente, hoje até para varrer a rua é preciso diploma.

Sua comparação entre a escola de hoje e de ontem é muito saborosa:

> *Hoje vejo que o professor não pode agir por si mesmo tem que fazer aquilo que a escola manda. Isso estraga as crianças. Eu sou do tempo em que o professor passava rasteira nos alunos. D. Dolores explicava, depois perguntava se todos tinham entendido, aí perguntava quem gostaria de fazer o exercício na lousa. Sempre havia um sabidão que se oferecia. Aí ia lá, se não conseguisse levava rasteira. Ela dava um jeito no pé, que a criança... pum!! Toda a classe morria de rir. Como eu gostava! Então ela brigava muito: se não sabe, porque falou que sabia... Era uma professora que explicava bem, entendeu? Era reguada, era rasteira, era puxão de orelha, mas eu acho certo. Na minha cabeça é certo. Ainda falavam que havia um quartinho escuro no porão da escola e que iam por a gente lá. Nossa Senhora! Todo mundo morria de medo! Eu acho que era certo. Todo mundo respeitava. Hoje ninguém respeita ninguém.*

Tanto Tica, como sua mãe, acreditam que a escola poderia ser melhor, se voltasse ao que era no passado As duas estão muito sensibilizadas em relação aos problemas do ensino, sobretudo àqueles que se referem às relações entre professores e alunos, fato que atribuem, com razão, ao trabalho como professora, de uma das filhas de Tica. A respeito das causas da indisciplina em sala de aula, que julga inconcebível D. Mercedes apontou o descaso dos pais que não mais educam seus filhos. Tica, porém, aponta essa causa como a segunda em ordem de importância. A primeira seria representada pelas leis que impedem que os professores batam e gritem com as crianças. Diz ela que hoje eu não culpa os professores, culpa as leis e o que as crianças não aprendem em casa. As leis fazem com que a criança fique garantida. Mesmo sem estudar é aprovada. Alarma-se pelo fato de que o professor nem possa gritar com seus alunos.

Tica aproveita para contar como agia com as filhas quando estavam na escola. Somente uma vez tentou ensinar a mais velha a fazer a lição e percebeu que a menina não prestava atenção, tinha os olhos perdidos no teto. Deu um grito e prometeu que era aquela a última vez, que perguntasse na escola à professora, esta paga para ensinar. Afirmou que não a castigaria se perdesse o ano, pois, ela própria se estaria castigando, já que um ano perdido não

se recupera. Daí por diante foi assim, suas filhas jamais perderam um ano ou deram trabalho, afirmou.

A entrevista com Ingrid ajudou a entender muitas das opiniões da avó e da mãe. Ela também nasceu no Monte Serrat e estudou na Escola Barnabé fez depois o curso de Magistério e é licenciada em Pedagogia. Revelou que, na sua opinião, nem todas as professoras que teve nos anos iniciais de estudo eram boas, algumas não sabiam passar a matéria. Revelou ainda que nas duas primeiras séries os alunos apanhavam. As professoras para bater, utilizavam-se de madeirinhas usadas para prender cartazes, que tinham preguinhos. Também puxavam os cabelos, as orelhas e davam reguadas. Afirmou que isso nunca aconteceu com ela, porque era quieta demais. Gostava muito do recreio quando junto com as amigas dava voltas na escola e conversava.

Ingrid trabalha em duas escolas: pela manhã em São Vicente, em uma creche localizada muito próxima a uma favela, onde tem 25 alunos de 5 anos. Durante a tarde trabalha na Praia Grande, em uma escola próxima à praia, onde leciona para 35 crianças de 4ª série. Os pais das crianças desta última escola, segundo ela, não apóiam os professores. Só aparecem no fim do ano para entrarem com recurso se o filho não é aprovado. A escola dá abertura, busca ajuda, faz programa de recuperação, oferece aos pais conferências e palestras sobre vários assuntos, mas eles não se interessam. Culpa os pais pela situação: somente uma pequena minoria realmente não tem possibilidade de atender à escola, a maioria é acomodada, não quer problema. Chegam a mandar bilhetes para que seus filhos sejam dispensados da recuperação. Ingrid pensa, entretanto, que as crianças dessa escola são boas, são meigas.

Na escola de São Vicente, já sentou e chorou. Diz: "Lá é o caos! As crianças só querem dançar Fank e bater umas nas outras! É o meio em que vivem. Desses alunos apenas um está alfabetizado, os demais só fazem garatuja". Os pais ela não conhece e nem sabe quem são, pois eles somente têm contato com a coordenação da creche.

De acordo com Ingrid, é preciso que se leve em consideração o capitalismo e os problemas decorrentes, mas alguma coisa tem que ser feita para melhorar a escola. Diz ela:

> *Na Política Educacional há coisas que evoluíram, mas, muita coisa se perdeu. Com a última Lei de Diretrizes e Bases e mais o Estatuto da Criança e do Adolescente, a escola se tornou assistencialista. A LDB devia ser revista. Qualquer coisa os pais apelam para o Conselho Tutelar! Há abertura demais. Sei que não pode voltar a ser como era no meu tempo, mas tem que mudar. As crianças hoje só pensam nos direitos! E os deveres?*

As entrevistas, com mulheres de três gerações diferentes, apontaram para o fato da escola se constituir para elas uma preocupação e tema recorrente de conversas, certamente em

virtude da atuação profissional de Ingrid, cujos sofrimentos balizam, igualmente, as próprias opiniões. Possivelmente o mesmo não acontecerá com outras famílias do morro, o que aponta para a necessidade de outras pesquisas.

Mais uma vez fica patente o perigo das generalizações. Cada grupo de pessoas, maior ou menor, forma suas opiniões a partir de seu contexto, suas experiências e necessidades. Se a escola quer aproximar-se das populações dos bairros em que está inserida, faz-se necessário que se disponha a conhecê-las mais de perto para que se saiba o que é possível pedir e o que é sensato esperar. Não é o bastante dizer-se como Ingrid, em seu desamparo: “É preciso mudar a cabeça dos pais”.

É mesmo a cabeça dos pais que deve ser mudada? Mudar de que, para que? Que poder tem a escola? Que saber tem a escola?